



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

DIVINARTE: OS ESPAÇOS SAGRADOS DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BAIRRO DA LIBERDADE

Me. Adriana Tobias Silva
UFPA
Dra. Ana Claudia do Amaral Leão
UFPA

Introdução:

A Festa do Divino Espírito Santo é realizada em quase todo o Brasil, em devoção ao Divino Espírito Santo, representado de forma iconográfica pela imagem de um pombo. Festa de origem europeia, porém, trataremos a festa a partir de um olhar decolonizador, abraçando as características da festa a partir de sua ligação com o Tambor de Mina. Em se tratando de São Luís podemos perceber que a maioria das festas é ligada às religiões de Matriz Africana e muitas das vezes, realizadas nos chamados *terreiros*. Segundo Marise Barbosa “no Maranhão, esses cultos têm grande popularidade e são realizados em um grande número de terreiros de cultos afro-brasileiro: Tambor de Mina¹, Umbanda e Candomblé” (Barbosa, 2006, p.20)

Com o objetivo de subsidiar a interpretação dos espaços que compõem o cenário visual e imaginário da Festa do Divino, no Bairro da Liberdade em São Luís, por meio do repertório visual existente na ambientação desse festejo, que, por sua vez, apresenta uma iconografia das religiões de Matriz africana e do catolicismo popular. Atentar para a valorização da cultura popular, acatando a demandas hoje também atendidas por ações de salvaguarda por parte de órgãos oficiais ligados à preservação do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro. Observa-se também a forte presença da mulher negra nesses espaços pré e pós-divinizados. Pois são as mulheres que, em grande maioria, tocam o instrumento chamado *caixa*, e que, muita das vezes, mesmo que indiretamente estão à frente da organização da Festa: decoração, alimentação, ladainhas e rezas. Neste sentido, ***DIVINARTE: os espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo no bairro da Liberdade***, é uma pesquisa em processo inicial, para construção da minha tese de doutorado.

¹ O Tambor de Mina é uma religião “afro-brasileira” comum no Maranhão e em grande parte da região amazônica que se caracteriza pelo culto a entidades espirituais conhecidas como voduns, orixás, encantados e caboclos. Através dos toques de tambor, cabaças (chocalhos) e agogôs (ferros) e a entoação de cânticos e louvores, estas entidades são evocadas e incorporadas pelos seus filhos-de-santo (FERRETTI, 2000).



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Deste modo, buscarei apresentar possíveis caminhos a serem traçados em minha tese, no tocante do imaginário iconográfico da Festa do Divino no bairro da Liberdade. Busco, então, compreender o processo de *divinização*² dos cômodos (sala, quartos, corredores, cozinha e quintal) para Festa a partir da iconografia do catolicismo popular e das religiões de Matriz africana presentes e das dimensões do imaginário existentes na ambientação feita exclusivamente para tal festejo. Diante disto, pretendo durante pesquisa para minha tese, constatar se os elementos que compõem a visualidade plástica da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís – MA podem desencadear saberes no campo da Arte; divinizar a presença das mulheres nesses espaços ritualísticos da Festa; Aprofundar o significado dos objetos que compõem os espaços sacralizados; Analisar o imaginário divinizado de cada espaço da Casa de Festa com seus elementos artesanalmente produzidos para funções ritualísticas;

A Festa do Divino Espírito Santo realizada no Bairro da Liberdade, campo de pesquisa da minha tese, acontece uma vez por ano durante uma semana até o dia de Pentecostes, 50 dias após a Páscoa, que pode variar entre o mês de maio e junho. A Rua Gregório de Matos, localizada no bairro considerado Quilombo Urbano, é tomada por participantes em seus singelos cortejos, que por sua vez, possuem seu ponto de partida e chegada em uma pequena casa que é redesenhada para realização dos rituais da festa.

Metodologia

A pesquisa, ainda em andamento, assume um caráter etnográfico, pois tal método para Severino (2012) visa compreender o cotidiano por meio de um “mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento”, pretendo mergulhar no universo da Casa de Festa no **pré, durante e pós festejo**, no que consiste em vivenciar o que me aproxima da festa por meio de registros de áudios e imagens.

Pretendo assim, reforçar a importância de pesquisar aquilo que faz parte do universo da cultura popular na concepção da Festa do Divino e o multiculturalismo (RICHTER, 2008), imaginário religioso (CARVALHO, Maria Michol Pinho de) identidade Cultural (HALL, Stuart, 2000) e ancestralidade (KILOMBA, Grada, 2019) Gênero e a mulher negra (CARNEIRO, Sueli, 2019).

Resultados e discussão

A Festa que faz parte do cenário desta pesquisa era realizada por Dona Benedita, mãe da minha madrinha e que tinha minha avó como uma das pessoas que frequentava e tocava o instrumento de percussão chamado “caixa”, o que me levou a refletir nessa ligação que, na infância, se dava apenas por meio dos sabores dos alimentos e

² *Divinização* - termo que pretendo desenvolver para nominar os espaços que passam, por alguma razão, a tomarem função de espaços sacralizados.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

lebrancinhas que eram trazidos pela minha tia-avó até a minha casa. Memória afetiva que motivou-me a dar início a esta pesquisa. Percebo a relevância, tanto social quanto acadêmica de interpretar os espaços sagrados de tal Festa de negros para negros, em que a religião de matriz africana, juntamente com a iconografia presente, pode traduzir tais espaços.

Esses espaços passam a ser considerados sagrados, pois para adentrá-los se é obrigado a cumprir algumas regras em respeito às *entidades*, santos e Divino Espírito Santo. Para uma melhor compreensão dessa mudança de função dos cômodos de uma residência adequada para a realização do festejo, mais precisamente, os espaços ornamentados da Festa, busco em Mircea Eliade, em que tal referencial atrela-se, especialmente, ao debate em torno da significação do sagrado e do profano, que muitas vezes preenche esses espaços onde ocorrem os rituais das Festas ao Divino.

Um aspecto importante na Festa do Divino é a seriedade em dar, receber e retribuir. É justamente nestas características que se recorre à referência nos estudos do antropólogo da Escola Francesa de Sociologia, Marcel Mauss (1974), onde o autor descreve, em estudos realizados em sociedades da Polinésia, situações análogas às festas que acontecem no Maranhão. Essas sociedades possuem uma relação intensa entre os objetos, que para elas, possuem espírito.

Em São Luís é possível deparar-se com esse paralelismo em vários momentos da festa, em que ocorre a doação e retribuição, pois a festa gira em torno da devoção. Os chamados *festeiros* fazem questão de realizarem uma festa farta, com bastante comida e bebida, mesmo em momentos pouco solenes.

Experiência *estésica* com a Festa do Divino

Vejo a necessidade de discorrer, futuramente, sobre a história de Dona Dionésia (minha tia-avó) e sua relação com espaços sagrados da Festa e todo esse repertório visual que engloba tal festejo. Mulher negra da Mina (referência ao Tambor de Mina), que muitas das vezes teve sua história omitida aos seus netos justamente por conta de sua religião, que era vista como algo “proibido”, em épocas em que ainda não se falava sobre empoderamento da mulher negra (CARNEIRO, Sueli, 2019). Mas primo por estender esta “conversa” durante a construção da minha tese.

A primeira vez que entrei em contato com a Festa do Divino Espírito Santo, não foi no primeiro instante que pisei num local de festa. Presenciei várias Festas, tanto em São Luís como em outras cidades do Maranhão, no entanto, esse primeiro contato se deu em minha infância, quando em vários pequenos momentos em que, Dona Dionésia, em alguma das vezes que ia nos visitar no bairro Maiobão (Paço do Lumiar), levava consigo, grandes pedaços de bolos confeitados com cobertura açucarada. Eram doces das Festas do Divino dentre outras grandes festas de terreiro que ela participava. Além dos doces, trazia ainda, lebrancinhas e bonecas de plástico revestidas com lindos



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

vestidos em papel crepom, não lembro ao certo as cores, geralmente em tons claros, mas lembro da sensação de prazer que tinha ao usar essas bonecas como brinquedo. As lembrancinhas, eram colocadas para decorar o móvel da sala. Na ocasião, minha família preferia esconder a religião da minha avó, sem explicar muito de onde vinham tais doces e lembrancinhas.

Ainda sem ter a noção de onde vinham esses doces, as chamadas *lembrancinhas* e bonecas que muito nos alegrava, tanto em ver como em senti-los, o bolo e seu sabor, as bonecas e *lembrancinhas* em suas belezas, me envolviam nessa mistura de estímulo dos sentidos até então, sem explicação.

Passado o tempo, soube que uma das grandes Festas do Divino que acontecia no bairro Liberdade era organizada pela mãe da minha madrinha, com quem tive contato apenas na infância, fui percebendo, já na universidade durante o período de estágio no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, que toda exposição relacionada ao Divino Espírito Santo provocava a mesma mistura de sensações agradáveis.

O termo Estesia, aqui, é utilizado com base nas pesquisas de Ana Claudia de Oliveira que é resultado das confrontações possibilitadas a partir da obra do linguista lituano Algirdas Julien Greimas. Utilizo esse termo por entender que as experiências entorno da Festa do Divino me remetem ao que a autora conceitua essa experiência estética, no sentido de estesia que é a: percepção, através dos sentidos, do mundo exterior, faculdade que possibilita a experiência do prazer (ou do seu contrário), assim como de todas as “paixões” – aquelas da “alma” e também aquelas, físicas, do corpo, da “sensualidade” (OLIVEIRA, 1995, p. 231).

A Festa do Divino e todo seu repertório visual, sonoro e espacial é capaz de conduzir seus participantes a uma espécie de encontro de sensações capaz de levá-los à embriaguez ao adentrar nesses *espaços sagrados*: o conjunto de cores e símbolos, o caimento do cetim, a sobreposição de tecidos, a ornamentação dos espaços, a textura visual, o brilho das roupas sob a luz do sol, o som dos batuques nas caixas e dos tambores, os cantos das caixeiras, as vozes ecoando as ladainha, o perfume do *defumador, do chocolate, dos doces, da comida, a acidez da bebida, o doce dos bolos e licores, o sabor peculiar da comida, a textura do alimento em nossas bocas, a maciez das sedas, dos objetos de decoração.*

Descrições estas que adentram no campo perceptivo do sujeito que pode variar de pessoa pra pessoa sendo capaz de romper, muitas das vezes, a *an-estesia* do sujeito. As coisas do mundo adentram no campo de percepção do sujeito em consenso com os lugares que elas e o sujeito ocupam, assim Oliveira aponta:

esse encontro fortuito possibilita toda uma nova sensibilização do sujeito na sua percepção do circundante. Um sujeito bem posicionado frente a um objeto bem postado, são condições básicas para que o objeto, quebrando a continuidade



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

do mundo que o tornava imperceptível, apareça com o que ele tem de mais característico: um certo som, uma certa fragrância, uma certa luz, um certo paladar, uma certa forma, uma certa textura (OLIVEIRA, 1995, p. 229).

Ao recordar essas sensações, essas experiências únicas de vivências nas Festas do Divino Espírito Santo, me remete ao que Oliveira afirma ao referir-se a essa experiência extraordinária, “apreensão estética, vivenciada pelos sentidos, sendo refeita em linguagem estética como palavras ou de forma visual que venha garantir um acesso maior a outras pessoas (OLIVEIRA, 1995, p. 230).

Conclusões

Concluo que, ainda em início de pesquisa, pude trazer os possíveis caminhos para dar seguimento à pesquisa para construção da tese. Pretendo, então, aprofundar as reflexões relacionadas ao sagrado que ficaram pendentes durante minha trajetória em que realizei a pesquisa de mestrado, com o intuito de elaborar um material que sirva de apoio para a comunidade pesquisada e para pesquisadores de tal manifestação cultural.

Palavras-Chave: Festa do divino; Iconografia; Religião de Matriz Africana; Ancestralidade.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Marise. **Um as mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções e comunicação, 2006.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular**. VI Congresso Português de Sociologia, Portugal. 2008.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na guma o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís a Casa Fanti Ashanti**. São Luís – EDUFMA. 2000.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 1974
- OLIVEIRA, Ana Claudia De. A estesia como condição do estético. In: OLIVEIRA, ANA CLAUDIA DE; LANDOWSKI, ERIC (Org.). **Do inteligível ao sensível**. São Paulo: EDC, 1995.
- RICHTER, Ivone M. *Multiculturalidade e interdisciplinaridade*. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.